



## Por um movimento *Slow Science*

**P**esquisadores e docentes-pesquisadores, apressemo-nos em reduzir a velocidade! Libertemo-nos da Síndrome da Rainha Vermelha! Deixemos de querer correr sempre mais rápido para, afinal, não sair do lugar, quando não para dar um passo atrás! A exemplo dos movimentos *Slow Food*, *Slow City* ou *Slow Travel*, convidamos à criação do movimento *Slow Science*.

Pesquisar, refletir, ler, escrever, ensinar requer tempo. Esse tempo, nós não o temos mais ou temos cada vez menos. Nossas instituições e, ainda mais, a pressão social, promovem a cultura do imediato, do urgente, do tempo real, do fluxo intenso, dos projetos que se sucedem a um ritmo cada vez mais rápido. Tudo isso ocorre não somente em detrimento de nossas vidas – todo colega que não estiver sobrecarregado, estressado, “atolado em compromissos” passa hoje por excêntrico, abúlico ou preguiçoso –, mas também em detrimento da ciência. A *Fast Science*, assim como o *Fast Food*, prefere a quantidade à qualidade.

Multiplicamos os projetos de pesquisa para tentar reavivar nossos laboratórios que, muitas vezes, passam necessidade. Resultado: mal terminamos de elaborar um projeto e, por mérito ou por sorte, obter uma verba, já

devemos rapidamente pensar em responder aos próximos editais, em vez de nos consagrarmos inteiramente ao primeiro projeto.

Uma vez que os pareceristas e demais peritos estão, eles mesmos, sempre *com pressa*, nossos currículos são cada vez mais avaliados em função do número de linhas (*quantas* publicações, *quantas* comunicações, *quantos* projetos?), fenômeno que induz a uma obsessão pela quantidade na produção científica. Resultado: além da impossibilidade de se ler tudo, inclusive nas áreas mais de ponta e além do fato de que numerosos artigos não são jamais citados – nem sequer lidos, torna-se cada vez mais difícil identificar a publicação ou a comunicação que verdadeiramente tem valor (como aquela a que o colega ou a colega dedicou todo o seu tempo durante meses, às vezes durante anos) dentre os milhares de artigos duplicados, publicados a retalho, requentados, quando eles não são mais ou menos “tomados de empréstimo”.

Claro, nossa oferta de formação deve ser sempre “inovadora”, obviamente “produtiva”, “construtiva” e adaptada à “evolução das profissões”, evolução cujos contornos, perpetuamente mutantes, temos dificuldade em apreender. Resultado: nessa corrida desenfreada rumo à “adaptação”, a questão dos saberes fundamentais

a transmitir – saberes que, por definição, só podem ser inscritos na duração – não está mais na ordem do dia. O que importa é estar no espírito do tempo e, sobretudo, mudar sem parar para seguir esse “espírito”, igualmente mutante.

Quando aceitamos responsabilidades administrativas (conselho universitário, direção de departamento ou de laboratório), como somos todos obrigados a fazer ao longo de uma carreira universitária, somos logo compelidos a continuamente preencher formulários, elaborar memoriais, planos, processos, dando “n” vezes as mesmas informações e os mesmos dados estatísticos. E, o que é bem mais grave, os efeitos de uma burocracia invasiva e da mania de reuniões – este fenômeno que permite salvar as aparências da colegialidade para, em geral, esvaziá-la de sua essência – fazem com que mais ninguém tenha tempo para nada: deve-se emitir pareceres sobre dossiês que nos são entregues no mesmo dia e que serão aplicados no dia seguinte! Claro, estamos aqui caricaturando um pouco as coisas, mas infelizmente não estamos muito longe disso.

Essa degenerescência de nossa profissão não tem nada de inevitável. Resistir à *Fast Science* é possível. Podemos promover a *Slow Science* priorizando alguns valores e princípios fundamentais:

Na universidade, é, sobretudo, a pesquisa que continua alimentando o ensino, malgrado as agressões repetidas de todos aqueles que sonham em tornar, em parte, secundária essa atividade basilar: a pesquisa. Torna-se imperativo, portanto, preservar ao menos 50% de nosso tempo para as atividades de pesquisa, que condicionam a qualidade de todo o resto. Muito concretamente, isso implica a recusa de toda a tarefa que avance sobre esses 50%.

Pesquisar e publicar privilegiando a qualidade requer que cada um possa dedicar-se exclusivamente a essas tarefas durante um tempo suficientemente longo. Com esse fim, reivindicamos o benefício, em intervalos regulares, de períodos sem tarefas de ensino ou de administração (um semestre de direito a cada quatro anos, por exemplo).

Deixemos de privilegiar a quantidade nos currículos. Certas universidades estrangeiras já dão o exemplo, limitando a cinco a quantidade de publicações que um candidato a um cargo ou a uma promoção pode mencionar (de acordo com TRIMBLE, S.W. “Reward qua-

lity not quantity”. *Nature*, nº 467, p. 789). Isso pressupõe que, de maneira colegial e transparente, dotemo-nos de métodos e de ferramentas para que nossos memoriais não sejam mais avaliados em função do número de publicações ou de comunicações, mas em função do conteúdo destas.

Alimentado pela pesquisa, o ensino é a missão por excelência dos docentes universitários: trata-se de transmitir saberes adquiridos. É preciso deixar os docentes-pesquisadores ensinar, melhorando suas condições de trabalho (quanto tempo é desperdiçado na resolução de problemas práticos e muitas vezes triviais que nada têm a ver com as suas missões?), tornando menos pesadas suas tarefas administrativas e reduzindo o tempo gasto com a “estruturação de novos currículos dos cursos”. Essas “estruturações” poderiam limitar-se a definir o quadro pedagógico próprio ao curso em causa, na universidade considerada, sem que seja necessário estruturar um novo currículo a cada quatro ou cinco anos, como é o caso atualmente na França.

Em nossas tarefas administrativas, exijamos o tempo necessário para estudar os processos que nos são enviados. De agora em diante, no interesse de todos, trabalhemos unicamente com os conteúdos e rejeitemos essa paródia de democracia ou de colegialidade, que consiste em avaliar processos que, nos melhores dos casos, não fizemos mais que folhear. Nada nos obriga a submetermo-nos à ideologia da urgência de que se vangloriam o Ministério da Educação e os administradores com “senso de responsabilidade”.

De forma mais geral, cabe lembrar que nossa vida não se limita à universidade e que é necessário guardar um tempo livre para nossas famílias, nossos amigos, nossos lazeres, ou... para o prazer de nada fazer.

Se você está de acordo com esses princípios, assine o texto deste manifesto pela fundação do movimento *Slow Science*. Porém, e, sobretudo, não apresse a sua decisão de assiná-lo ou não.

JOËL CANDAU, 29 de outubro de 2010 (texto publicado em 17 de julho de 2011). Fonte do texto em francês: <http://slowscience.fr/>

(Traduzido do francês por Jorge Nóvoa e Rodrigo Lemos, revisado por Robert Ponge. A revista *Universidade e Sociedade* agradece a parceria, na tradução, da revista *O Olho da História* ([www.oohodahistoria.ufba.br](http://www.oohodahistoria.ufba.br)), que publicou este texto em seu nº 16).

## NOTA

1. Referência a um episódio de *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, em que Alice lança-se em uma corrida desabrida com a Rainha Vermelha e pergunta a esta última por que, apesar de correrem tanto, a paisagem à sua volta não muda, ao que a Rainha responde que elas correm para não sai do lugar (N. do T.).